


Frieda Hunziker: Curaçao e Bienal de São Paulo

Frieda Hunziker: Curaçao and the São Paulo Biennial

DOI: 10.20396/rhac.v4i2.18476

FELIPE MARTINEZ

Doutor em História da Arte pela UNICAMP e pesquisador de pós-doutorado do MAC-USP

 0000-0002-5836-972X

Resumo

Este artigo analisa a obra da pintora holandesa Frieda Hunziker, mais especificamente as pinturas feitas por ela na década de 1950. Este texto foi formulado a partir dos documentos encontrados no Nederlands Instituut voor Kunstgeschiedenis (RKD) e nos arquivos do Stedelijk Museum Schiedam. Neste museu, foi realizada uma exposição sobre artista de abril a setembro de 2023, chamada *Vlucht naar Curaçao*. A exposição afirma que uma viagem feita por Hunziker a Curaçao, entre 1952 e 1953, foi fundamental para sua produção. Conforme será discutido ao longo do texto, pretendo argumentar que essa importância não foi tão grande quanto a exposição insiste. Também serão explorados aspectos gerais de sua obra, bem como sua participação na Bienal de São Paulo.

Palavras-chave: Arte Holandesa. Expressionismo. Frieda Hunzier. Bienal de São Paulo. Curaçao.

Abstract

This article addresses the work of Dutch painter Frieda Hunziker, more specifically the paintings she made in the 1950s. This text was elaborated based on documents present at the Nederlands Instituut voor Kunstgeschiedenis (RKD) and in the archives of the Stedelijk Museum Schiedam. In this museum, an exhibition about the artist was held from April to September 2023, called *Vlucht naar Curaçao*. The exhibition argues that a trip made by Hunziker to Curaçao, between 1952 and 1953, was fundamental to its production. As will be discussed throughout the text, I intend to argue that this importance was not as great as the exhibition insists. General aspects of her work will also be explored, as well as her participation in the São Paulo Biennial.

Keywords: Dutch Art. Expressionism. Frieda Hunziker. São Paulo Biennial. Curaçao.

Introdução

Frieda Hunziker (1908–1966) é uma artista ainda pouco conhecida em seu próprio país. Nascida em Amsterdam, saiu poucas vezes da Holanda. A mais relevante de suas ausências foi a viagem que fez em 1952 a Curaçao, onde passou seis semanas, em razão de um prêmio que ganhou da companhia de aviação KLM. Uma recente exposição realizada no Stedelijk Museum, na cidade de Schiedam¹, propôs um entendimento da obra da artista a partir dessa temporada de menos de dois meses na antiga colônia holandesa. O acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP) possui uma pintura de Hunziker, *Insetos*, que também esteve presente na Segunda Bienal de São Paulo (1953), doada pela Colônia Holandesa de São Paulo ao antigo Museu de Arte Moderna e posteriormente incorporada ao MAC-USP². Mesmo nas instituições holandesas, há poucos especialistas que conhecem a artista, apesar de sua participação ativa nos principais circuitos expositivos holandeses no período pós-Segunda Guerra.

A exposição realizada no Stedelijk Museum Schiedam demonstrou interesse de uma instituição holandesa de relevância em situar a artista entre os artistas mais relevantes do país no século 20. Apesar disso, o enquadramento adotado pelo museu também apresenta alguns problemas, conforme será discutido. Este artigo pretende refletir sobre a importância dessa viagem a Curaçao para o desenvolvimento da arte de Hunziker, bem como contribuir para que sua trajetória e obra sejam mais conhecidas no Brasil.

Além das referências bibliográficas listadas ao final deste artigo, as principais fontes deste texto foram os documentos presentes no Nederlands Instituut voor Kunstgeschiedenis (RKD), em Haia, nos arquivos do Stedelijk Museum, de Schiedam, e no Stedelijk Museum, de Amsterdam. Começo meu percurso a partir de uma notícia publicada no jornal *Nieuwe Apeldoornsche Courant*.

1

A edição do *Nieuwe Apeldoornsche Courant* de 20 de janeiro de 1958 apresenta um perfil curioso de Frieda Hunziker. O texto³ especula em quais lugares da Holanda (e da Europa) seria possível encontrar a pintora. Segundo o jornal, localizá-la não era tarefa fácil. Poderia estar ensinando pintura ou história da arte

¹ Stedelijk significa, em holandês, faz referência à cidade, ao meio urbano. Stedelijk Museum portanto são museus ligados a cidades ou a regiões metropolitanas.

² As obras do antigo MAM-SP foram doadas à Universidade de São Paulo em 1963, dando origem ao MAC-USP.

³ A matéria foi publicada no jornal *Nieuwe Apeldoornsche Courant* no dia 20 de janeiro de 1958. Não há menção ao autor da reportagem, somente a indicação de que foi escrita por um dos membros da redação (van een medewerkster). A fonte foi encontrada na pasta correspondente à artista nos arquivos do Stedelijk Museum.

na escola de arte *kunstijverheid* ou circulando pelos corredores do Stedelijk Museum Amsterdam, onde frequentemente passava horas estudando a obra de outros artistas. Também poderia estar pintando em seu ateliê na capital holandesa, ou talvez em Düsseldorf, na Alemanha, cidade frequentada por artistas holandeses depois da guerra. “Eu estive por lá com Benner” disse a pintora ao jornal, referindo-se ao pintor holandês Gerrit Benner⁴, também presente na coleção do MAC-USP e com passagem pela Bienal de São Paulo.

Quase uma década antes dessa matéria ser publicada, em 1949, o Stedelijk Museum de Amsterdam sediou uma exposição chamada *Vogelvlucht* (algo como vista aérea em holandês), patrocinada pela companhia de aviação KLM⁵. Na ocasião foram mostrados desenhos de artistas holandeses – Hunziker entre eles - feitos a partir de fotografias tiradas a partir de um avião da companhia. A exposição desses desenhos integrava uma campanha da empresa para popularizar voos comerciais no período posterior à Segunda Guerra Mundial. Como desdobramento de sua participação, Hunziker foi premiada com uma passagem para viajar para um lugar de sua preferência. Suas primeiras escolhas foram Afeganistão e Groenlândia, logo dissuadidas pelo diretor da KLM que, segundo a reportagem, ponderou que, embora o primeiro país fosse um lugar bonito, era mais adequado para “homens corajosos” e não para “mulheres com pincel, cavalete e tinta⁶”. A Groenlândia, por sua vez, foi desencorajada por ser um destino frio demais naquela época do ano. A terceira e definitiva escolha de Hunziker foi Curaçao. É muito provável que o diretor da companhia tenha sugerido e aprovado esse destino, especialmente porque a KLM acabava de inaugurar um voo direto partindo do aeroporto de Schiphol com destino a Willemstad.

O primeiro avião partindo da Holanda para Curaçao decolou em 1934. Depois da guerra, a empresa havia expandido suas atividades e - a partir dos anos de 1950 - começou uma campanha publicitária incentivando a ilha como destino turístico. Tanto a exposição *Vogelvlucht* quanto o patrocínio dado a artistas como Hunziker faziam parte desses eventos de promoção da venda de passagens aéreas. Na época, Curaçao ainda era formalmente uma colônia holandesa e viajar para a ilha era continuar dentro do Reino dos Países Baixos⁷, certamente mais atraente aos consumidores holandeses do que o Afeganistão ou a Groenlândia. A Europa se recuperava da guerra e o plano econômico dos Estados Unidos para a reconstrução do continente começava a dar seus primeiros resultados. A recomposição da demanda agregada aumentava o poder de

⁴ Gerrit Benner (1897-1981) ganhou um prêmio de aquisição na terceira Bienal de São Paulo, pela obra *Pássaros e Flores*, hoje pertencente ao acervo do MAC USP.

⁵ Catalogus tentoonstelling *Vogelvlucht*. Nederlandse schilders zie hun land vanuit de lucht, 1949.

⁶ Ver notícia mencionada na nota 3.

⁷ Na verdade, Curaçao ainda faz parte do Reino dos Países Baixos, mas desde 2010 não é mais politicamente subordinada ao parlamento em Haia.

consumo dos europeus. Tanto o mercado de aviação quanto o mercado de arte se reorganizavam. A exposição *Vogelvlucht* era um sintoma dessa recuperação.

Além dessa exposição, Hunziker esteve presente em diversas outras mostras de importância no período pós-Guerra. A mais importante delas, *Kunst in Vrijheid (arte em liberdade)*⁸, foi organizada no Rijksmuseum já em 1945 e mostrou obras de artistas que tinham se recusado a aceitar a *German Kultuurkamer* imposta pelos nazistas ao país ocupado. Durante a guerra, a pintora não só continuou a praticar sua pintura à revelia das concepções nazistas, como também abrigou uma pessoa de origem judaica em seu ático. Menos de um ano depois de expor no Rijksmuseum, Hunziker estaria presente na mostra *12 Schilders (12 pintores)*, organizada no Stedelijk Museum Amsterdam. Em 1947, os pintores presentes nessa segunda exposição formariam o grupo *Vrij Beelden* - uma das primeiras articulações de artistas holandeses nos anos posteriores ao conflito.

Em 1952 Frieda Hunziker viajou a Curaçao. Passou seis semanas acomodada na casa de jardim do Museu de Curaçao, onde manteve contato com Chris Engels, artista holandês que morava na ilha desde 1936. A uma reportagem do jornal *De Dordtenaar*⁹, a artista narra que quando mencionava Curaçao, “as pessoas diziam que só havia petróleo por lá”. Sua viagem, no entanto, teria servido para que ela descobrisse e mostrasse a seus compatriotas que também era possível encontrar “formas elegantes de um porto nas refinarias, e a cor de bronze da ilha árida com o verde opaco dos cactos”. Essa descoberta de formas e cores em uma ilha tropical sinalizava o modo como Hunziker passaria a promover suas obras nos anos seguintes: uma mistura entre temas vindos de Curaçao e as tendências de abstração expressiva que se tornavam dominantes no ocidente.

A representação dos territórios colonizados não era comum na modernidade holandesa. Não houve algo que pudesse ser chamado de primitivismo holandês no final do século 19, nem no começo do 20. Pelo contrário, os pintores nascidos na Holanda conheceram a modernidade por meio da arte francesa. Mostrar uma Curaçao em cores intensas ao público holandês ajudava a artista criar um produto ao mesmo tempo original e exótico no mercado local, sem deixar de seguir as tendências de abstração informal que pareciam inevitáveis no mundo ocidental. Pouco tempo depois de voltar de Curaçao, 5 obras de Hunziker foram enviadas ao Brasil para a Segunda Bienal de São Paulo, um dos destaques da delegação holandesa naquela edição da mostra. Todas as pinturas foram feitas entre 1952 e 1953 e seguiam o espírito tropical e colorido das obras feitas durante a estadia da artista em Curaçao.

⁸ CATALOGUS tentoonstelling Kunst in Vrijheid. Rijksmuseum Amsterdam, set.-out. 1945.

⁹ NEDERLANDS glasraam voor Curaçao. *De Dordtenaar*, 23 ago. 1952.

2

No texto que apresenta a delegação holandesa na segunda Bienal de São Paulo¹⁰, Willem Sandberg, personagem central da arte internacional nos anos 50 e 60, situa os artistas de seu país em três gerações. Sandberg era o diretor do Stedelijk Museum Amsterdam e incentivou a formação do *Experimentele Groep*¹¹ - que depois daria origem ao CoBrA. As três gerações propostas pelo autor começariam com os artistas associados ao De Stijl, em seguida viria uma geração intermediária, no qual nomes como Hunziker e Piet Ouburg (também presente na Segunda Bienal) começariam a pintar de forma autoexpressiva, com cores intensas e pintura gestual, tendência que explodiria na geração posterior, com Karel Appel e os demais artistas associados ao CoBrA.

Nessa mesma edição da Bienal, houve uma sala especial dedicada a Piet Mondrian. O texto de apresentação da delegação holandesa pergunta se o leitor “já viu, à sua frente, ao erguer os olhos de seu trabalho, um quadro de Mondrian?”. O autor prossegue pontuando que ao olhar para uma pintura de Mondrian, o espectador teria um impulso para organizar sua própria vida “em maior ou menor grau”, tal era a clareza da disposição dos elementos no quadro. Além de Mondrian, a Bienal também mostrou obras de outros dois nomes maiores no movimento *De Stijl*: Baart van der Leek e Theo van Doesburg. Os três foram apresentados como membros da primeira das três gerações descritas pelo autor, responsáveis pelas bases da arte holandesa no começo do século 20. Não fazia muito tempo desde que Mondrian tinha falecido, mas ele já era apresentado como um grande nome do passado da arte daquele país. A geração posterior a de Mondrian estaria representada, naquela edição da Bienal, pelas obras de Hunziker, Ouborg e Gerrit Benner. Segundo Sandberg, esses artistas estariam inspirados no expressionismo, com forte tendência para a arte abstrata. Embora o autor não diga explicitamente, fica-se com a impressão de que essa segunda geração de artistas seriam uma etapa intermediária entre a geração de Mondrian e aos artistas do CoBrA.

Foi mencionado na seção anterior que Hunziker foi uma das integrantes do grupo *Vrij Belden*, um dos primeiros a iniciar experimentos em torno da abstração de caráter expressionista em território holandês. Também foi mencionado que, a partir desses grupos, os artistas holandeses passaram a aproximar sua arte do expressionismo abstrato, que despontava em países como os EUA e a França. Embora fizesse parte de um panorama internacional mais amplo, a maneira como esse movimento apareceu em território holandês também obedecia a uma dinâmica interna do país, a saber, um afastamento da proposta

¹⁰ BIENAL de São Paulo. **Catálogo da Segunda Bienal de São Paulo**. São Paulo: Bienal de São Paulo, 1953, p. 191-196.

¹¹ Em julho de 1848, os artistas holandeses Constant Nieuwenhuys, Corneille, Karel Appel e Jan Nieuwenhuys formaram o Experimentele Group (Grupo Experimental) em Amsterdã. No final do mesmo ano, Christian Dotremont, Joseph Noiret e Asger Jorn se juntariam a eles em Paris para formar o CoBrA.

espiritualista e geométrica de Mondrian e do De Stijl. As gerações do pós-guerra buscavam uma arte autoexpressiva, gestual, distante da organização racional que havia orientado a produção holandesa no começo do século. Certamente o mais famoso desses grupos foi o CoBrA – acrônimo construído a partir das iniciais das três cidades de onde os primeiros integrantes¹² do grupo vinham: Copenhague, Bruxelas e Amsterdam. A primeira exposição do grupo ocorreu em Amsterdam em 1949, no Stedelijk Museum. Embora Hunziker não tenha participado diretamente da mostra, era bastante próxima de alguns participantes, como Anton Rooskens, personagem que transitou tanto pelo *Vrij Beelden* quanto pelo *Experimentele Groep*. A influência da geração do CoBrA – um grupo internacional, é bom lembrar – na obra da artista fica evidente na produção de seus anos finais, como mostrarei mais adiante.

Na Segunda Bienal de São Paulo já foram mostradas obras de Karel Appel e Corneille, representantes da nova geração ligada à tendência expressionista que se tornava dominante no cenário europeu e norte-americano. Seguindo o raciocínio proposto por Sandberg, Hunziker era parte de uma geração intermediária entre o concretismo da geração anterior e o informalismo de Appel, Corneille e Constant. No entanto, situar a obra de Hunziker como apenas parte de uma transição seria simplista demais. Ao observar a evolução de sua obra, fica clara a mudança de pinturas mais ligadas às tendências formalistas do começo do século para uma explosão de cores no fim de sua carreira. Entre uma coisa e outra, experimentou com cores e formas em um caminho original que não deve ser considerado nem pós-De Stijl, nem pré-CoBrA. Essa fase coincide com a viagem da artista a Curaçao e sua posterior participação na Bienal de São Paulo.

As cinco obras de Hunziker expostas em São Paulo, em 1953, estão diretamente relacionadas aos temas da natureza que marcaram sua produção no período posterior à viagem. São elas: *Cabras*, *Cabras atrás de Cercas*, *Ilha* (figura 6), *Insetos* (figura 7) e *O Mundo das Plantas*. *Insetos* foi doada ao antigo MAM-SP pela Colônia Holandesa de São Paulo e se encontra hoje no acervo do MAC-USP. Os motivos naturais que passaram a habitar a obra da artista – ou pelo menos o nome de suas telas – foram temas de suas obras que passaram não somente pelo Brasil, mas também por outros países como a Alemanha e a Inglaterra. As obras da exposição ocorrida no Museu Stedelijk Schiedam ajudam a entender esse percurso.

Embora a exposição *Vlucht naar Curacao*¹³ (voo para Curaçao) pretenda, como o nome deixa claro, ressaltar a centralidade do país caribenho na obra da artista, na verdade mostra que as semanas que Hunziker passou no caribe tiveram uma influência menor em sua pintura do que se poderia acreditar. Além

¹² Karel Appel, Constant e Corneille vinham de Amsterdam; Christian Dotremont e Joseph Noiret vinham de Bruxelas; Asger Jorn vinha de Copenhague. Em novembro de 1948 esses artistas se reuniram em Paris para formar o CoBrA. O *Experimentele Groep* também é conhecido pelo nome *Reflex*, em referência à revista editada por seus membros.

¹³ Infelizmente não foi publicado catálogo da exposição.

disso, a mostra de Schiedam entremeou as obras de Hunziker com artistas contemporâneos de Curaçao, solução que pouco contribui, tanto para a apreciação da carreira da artista ainda é pouco conhecida em seu país, quanto para o conhecimento dos próprios artistas caribenhos. Mais do que isso: a exposição também mostra que a pequena genealogia proposta por Sandberg no texto que introduz a delegação holandesa na segunda Bienal de São Paulo não se sustenta assim de modo tão claro, pelo menos não no que diz respeito ao lugar ocupado por Hunziker.

Nico Laan¹⁴ mostra que os principais nomes da crítica de arte na Holanda do período pós-Segunda Guerra propunham uma genealogia semelhante àquela sugerida por Sandberg no texto que introduz a delegação holandesa na Segunda Bienal. Não que eles tenham dito exatamente a mesma coisa, mas de acordo com o autor, durante os anos 1960, era comum encontrar textos que criticavam os jovens artistas relacionados às tendências expressionistas; os críticos louvavam, no entanto, nomes dessa geração intermediária, como Ouburg e Hunziker. Além disso, os membros do CoBrA não eram unicamente holandeses, mas vinham de diferentes países europeus. Era um grupo transnacional, talvez um dos primeiros sintomas na cultura da integração que ocorreria nas próximas décadas que culminaria na formação da União Europeia (UE). Por exemplo, o tratado que deu origem ao bloco econômico Benelux – composto por Bélgica, Holanda e Luxemburgo – foi assinado em 1944 e é considerado o primeiro passo na criação da UE. É claro que não há relação direta entre uma coisa e outra, mas a existência desses agrupamentos se tornava um meio para que os países da Europa Ocidental se fortalecessem em um mundo onde não eram mais os protagonistas.

A internacionalização não era uma característica dos grupos anteriores à Segunda-Guerra. O *De Stijl*, por exemplo, era formado de artistas holandeses. Embora seus membros tenham se dispersado posteriormente, seus principais representantes se reuniram na Holanda durante a Primeira Guerra Mundial. No mesmo sentido, os artistas que compunham o grupo do Expressionismo Flamengo se mantiveram circulando pelas principais cidades da Flandres, como Antuérpia, Bruges e Ostende, mas não estenderam seu alcance para além da região. O CoBrA, por sua vez, já começa internacional, quando nomes como Karel Appel, Christian Dotremont e Asger Jorn se encontram em Paris e começam a trabalhar juntos. O fato de o Stedelijk Museum Amsterdam ter sido o principal palco das grandes exposições desses artistas se deve mais ao interesse de seu então diretor, Willem Sandberg, do que propriamente a uma nacionalidade holandesa do movimento. Nesse sentido, Hunziker foi parte de uma última geração de artistas holandeses que se reunia em grupos formados por nomes locais, como o *Vrij Beelden*. Reduzir essa

¹⁴ Laan, Nico. *The Making of a Reputation: the case of Cobra*. In: BEEKMAN, Klaus; VRIES, Jan de. *Avant-Garde and Criticism*. Brill/Rodolphi, 2007.

geração a uma mera preparação para o CoBrA seria empobrecer a história da arte daquele país no pós-Segunda Guerra. Mas isso não quer dizer que a própria obra de Hunziker não tenha sido afetada pelos desenvolvimentos em torno do CoBrA como o último eixo da exposição organizada no Stedelijk Museum Schiedam deixa bastante claro.

3

A exposição *Vlucht Naar Curaçao* organizada em Schiedam divide a obra de Frieda Hunziker em 4 eixos principais, cada um deles tratando de momentos formalmente distintos na carreira da artista. Primeiro estão as obras relacionadas às tendências cubistas do começo do século, depois as tentativas de abstração geométrica, seguindo os passos de seus compatriotas do *De Stijl*. Em seguida, as obras coloridas e com temas da natureza feitas depois da viagem a Curaçao e, finalmente, em sua fase madura, as pinturas fortemente inspiradas pelo CoBrA. Como já notado, a exposição intercala as obras de Hunziker com as de artistas contemporâneos de Curaçao, em uma tentativa de mostrar a produção artística daquele país em diálogo com a produção da pintora. No entanto, as relações entre as obras da artista e as propostas dos convidados¹⁵ são pouco sólidas. Hunziker não passou mais do que algumas semanas na ilha caribenha. Em suas obras, as referências a Curaçao reafirmam a ideia do um paraíso tropical colorido, exótico, que reforça a visão reducionista que os holandeses tinham – e possivelmente ainda têm – da ilha caribenha. A ideia de comparar de mostrar as obras de Hunziker com a de artistas locais até poderia ser boa, mas a pintora ainda é pouco conhecida em seu próprio país de origem e merecia que a exposição fosse inteiramente dedicada a ela.

A curadoria¹⁶ da exposição argumenta que as seis semanas que a artista passou em Curaçao tiveram um impacto duradouro em sua obra, sobretudo no que diz respeito à importância da cor nos rumos de sua abstração. De fato, isso pode ser verificado depois de seu rápido período no continente americano - caso de *Insetos* (figura 13), do acervo do MAC USP, que possui semelhança considerável com algumas das obras expostas em Schiedam. Por exemplo, em *Ilha* (figura 6), uma das obras presentes na segunda Bienal, é possível encontrar os mesmos padrões biomórficos e as cores com tonalidades próximas que podem ser vistas na obra de São Paulo, a mesma relação entre contorno e massa de cor. Entretanto, a tese não funciona quando se olha para o resto de sua obra, especialmente na fase em que a artista se aproximou da poética dos artistas ligados ao CoBrA.

¹⁵ Por exemplo, Shertise Solano, artista nascida em Rotterdam, mas de origem caribenha, autora de *Sem Título* (2020), uma das obras mais intrigantes da exposição para além das pinturas de Hunziker.

¹⁶ Os curadores da mostra fazem parte da equipe do museu.

A exposição no Museu em Schiedam traz três obras pintadas pela artista antes do final da Segunda Guerra Mundial. A mais antiga delas, uma natureza morta feita em 1942 (figura 1), apresenta formas simplificadas e a utilização das três cores primárias em três objetos de volumetria simples em frente a uma travessa decorada com motivos florais e frutas. Embora o texto que acompanha a pintura conecte o quadro às composições abstratas do de Mondrian, nada além dessas três cores faz pensar no célebre artista holandês. Além dela, também estão presentes as pinturas *Kind en Kat* (Criança e Gato) e *Jans e Roel*, as duas feitas em 1943 (figuras 2 e 3). A primeira mostra o filho de Hunziker acompanhado de um gato que teria sido devorado durante a grande fome que assolou a Holanda entre 1944 e 1945. A inspiração, segundo informa um dos textos, vem das composições do pintor francês Edouard Pignon, e mostra sinais de uma geometrização inspirada nas vanguardas do começo do século 20. O mesmo acontece com a figura 3, que apresenta a empregada da artista, Jans, acompanhada de um amigo judeu, chamado Roel, que se escondeu no ático da casa da artista nos anos da guerra. Temos um tipo de arte inspirada em nomes como Picasso e Matisse, quase pré-requisito para os artistas do começo do século. *Kind en Kat* foi exposta na mostra *Kunst in Vrijheid*, realizada no Rijksmuseum logo depois da guerra.

Entre o fim do conflito e sua viagem para Curaçao, a artista se aproxima muito timidamente de alguns dos procedimentos utilizado nas décadas anteriores por Mondrian ou Baart van der Leck, como nas figuras 4 e 5. Após voltar da viagem, Hunziker mistura as inspirações vindas da ilha caribenha com o informalismo que começava a surgir em sua obra. Por exemplo, entre as pinturas mais exaltadas pela exposição em Schiedam estão *Cactus I* e *Carnaval* (figuras 8 e 9), uma combinação entre motivos abstratos e cores intensas, composições provavelmente exóticas aos olhos do público holandês. Os desenhos que Hunziker fez de Curaçao ao longo de suas semanas na ilha foram expostos em 1952 no Museu de Curaçao, local onde a própria artista tinha se hospedado. Quatro anos depois, uma exposição solo da artista é organizada no mesmo museu¹⁷. Com sua participação ativa nas exposições organizadas após o conflito, sua obra passa a ser reconhecida no mercado holandês.

Os motivos coloridos de Curaçao dominam a obra de Hunziker nos anos posteriores à viagem. Também é frequente sua correspondência com Chis Engels, artista e então diretor do museu local e sua esposa, também artista, Lucila Engels. A exposição em 1956 é prova de que esses contatos foram benéficos a Hunziker. A pintura *Curaçao bij nacht* (Curaçao à noite, figura 10), hoje pertencente ao acervo do Stedelijk Museum Amsterdam, é um dos exemplos mais bem acabados da produção de Hunziker sob influência de seu período na ilha caribenha. Mais uma vez, comparando com a obra de São Paulo, vemos as semelhanças

¹⁷ *Catalogus* Tentoonstelling *Frieda Hunziker*. Curaçao Museum, Willemstad. Nederlandse Stichting voor Culturele Samenwerking met Suriname en de Nederlandse Antillen, 1956.

formais e compositivas que marcaram a carreira da pintora neste período. Sua participação em exposição realizada no Stedelijk Museum Amsterdam, em 1953, intitulada *Curaçao schilderend en geschilderd* (Curaçao pintando e pintada) é prova disso. Além dela, outros artistas que haviam passado temporadas na ilha, como Theo van Delft, Chris Engels e Charles Eyck também expuseram na ocasião. Na sequência, as obras de Hunziker fizeram uma turnê internacional, passando por cidades como Londres, Pittsburgh, Berlim e São Paulo¹⁸.

Os motivos ligados a Curaçao permanecem na obra de Hunziker até os anos finais da década de 1950. Depois disso, a artista parte para uma poética marcada por formas menos contidas e se aproxima cada vez mais das tendências de caráter abstrato expressivo que tomavam conta da Europa Ocidental e dos Estados Unidos¹⁹. Pouco antes de sua morte, em 1964, o Stedelijk Museum Schiedam realiza uma exposição com suas obras tardias. As pinturas então expostas (por exemplo, figura 12) já estão distantes dos motivos tropicais de Curaçao. Elas refletem a grande importância que os artistas do grupo CoBrA passaram a ter em sua poética. Alguns títulos continuam a evocar imagens, por exemplo *Nuite Mexicane* (Noite Mexicana, figura 13), de 1963, que imediatamente faz pensar na obra *Curaçao bij Nacht* (figura 10). Apesar da semelhança de nome, basta olhar para as duas imagens e constatar o quanto elas estão distantes uma da outra estilisticamente. Essa diferença mostra que a artista não se acomodou em uma fórmula já bem aceita, mas que buscou produzir obras compatíveis com a produção de sua época. Dois anos depois, Hunziker morreria aos 57 anos. Na sequência da exposição, o Museu Stedelijk de Schiedam gastou quase todo seu orçamento anual para aquisição de obras de arte, comprando as pinturas *Landschappen* (paisagens) e *Indigo Mood* (figuras 12 e 14), ambas feitas em 1963, e já distantes dos motivos de Curaçao.

4

Não há dúvidas de que a viagem a Curaçao foi um momento de importância maior na trajetória de Frieda Hunziker. No entanto, sua obra não deve ser resumida às pinturas produzidas durante a década de 1950, na sequência de sua temporada na ilha caribenha. Como mostrado nas páginas anteriores, Hunziker não se acomodou em uma fórmula de motivos exóticos e cores associadas aos trópicos. Esse poderia ter sido um caminho mais fácil, visto que suas pinturas já eram bem aceitas pelo mercado e pelo circuito expositivo holandês. Seu contato com Curaçao estava vinculado aos recursos direcionados pela

¹⁸ Parte da turnê foi patrocinada pela fundação *Sticusa* (*Nederlandse Stichting voor Culturele Samenwerking met Suriname en de Nederlandse Antillen*), destinada a promover a cultura das e nas chamadas Antilhas holandesas.

¹⁹ A esse respeito, sugiro a leitura de LANGFELD, Gregor; GEURT, Imanse. Expressionism in the Netherlands. In: WÜNSCHE, Isabel (ed.). *The Routledge Companion to Expressionism in a Transnational Context*. Abingdon: Routledge, 2018.

companhia aérea KLM a exposições e intercâmbios artísticos que ajudassem a despertar o interesse do público holandês pela ilha.

Dada a quantidade de exposições importantes – como a Bienal de São Paulo e as exposições no Rijksmuseum e no Stedelijk Museum Amsterdam - e de programas dos quais participou – como a própria viagem a Curaçao e a turnê de suas pinturas pelo mundo – não é difícil constatar que Hunziker teve uma carreira bem-sucedida. Isso colocado, é surpreendente que mesmo os especialistas holandeses pouco saibam sobre sua obra. Isso pode ser explicado, em primeiro lugar, pelo pouco destaque dado pela historiografia a mulheres artistas. Em segundo, esse desconhecimento pode ser explicado pelo lugar ocupado por sua geração na história da arte holandesa do século passado. Como mostra Nico Laan²⁰, a geração de artistas posterior ao *De Stijl* não foi considerada nem tão ousada, nem tão internacional quanto seus sucessores do CoBrA. Era ainda uma geração muito holandesa, que contava com nomes como a própria Hunziker, Pieter Ouburg e Gerrit Benner.

As obras pintadas pela artista depois da experiência em Curaçao, parte delas exibidas na Bienal de São Paulo, mostram que Hunziker não deve ser reduzida a um membro de uma geração intermediária que se afastou dos preceitos do *De Stijl* e preparou terreno para o CoBrA. Isso também vale para os artistas da mesma geração que participaram de grupos como o *12 Schilders*, o *Vrij Beelden* e o *Creatie*²¹, personagens centrais na dinâmica da produção de arte daquele país nos anos posteriores à Segunda-Guerra. Considerar Hunziker e seus contemporâneos apenas como parte de uma geração de transição é minimizar a qualidade de suas obras. No mesmo sentido, entender as obras da pintora apenas a partir de a sua relação com Curaçao é igualmente reducionista. Hunziker não passou mais do que algumas semanas na então colônia holandesa e a imagem do país evocada por suas pinturas reforça o clichê da ilha tropical de cores intensas e ambiente exótico.

Apesar da alta qualidade formal das pinturas que Hunziker fez inspirada por Curaçao, suas obras dizem pouco sobre a ilha. A ótima exposição *Vlucht naar Curaçao* (um voo para Curaçao) exagera na associação entre as duas coisas, uma vez que não há relação profunda entre a obra da artista e a realidade complexa da ex-colônia holandesa. Apesar disso, a exposição teve o mérito de mostrar a obra da artista de modo extensivo e – a despeito das intenções curatoriais – as pinturas falam por si próprias e permitem que o olhar atento consiga compreender as nuances no desenvolvimento da artista. Exposições e publicações que abordem a obra de Hunziker devem levar em conta a qualidade de sua obra dentro do

²⁰ LAAN, *op. cit.*

²¹ *Creatie* foi um grupo de tendência expressionista abstrata liderado por Willy Boers e Ger Gerrits no começo década de 1950. Pregavam uma noção de “arte absoluta” que seria pura expressão de seu criador. Hunziker chegou a expor com o grupo, embora tenha tido uma participação mais ativa no *Vrij Beelden*.

contexto de uma geração de artistas ainda não devidamente reconhecidos, mas capazes de gerar obras de qualidade comparável à produção dos grandes centros artísticos do mundo ocidental. Em outras palavras, fazer justiça a Frieda Hunziker é também fazer justiça à sua geração.



Figura 1:
Frieda Hunziker
Stilleven met blauwe fles, 1942.
Óleo sobre tela, Coleção particular.



Figura 2:
Frieda Hunziker
Kind em kat, 1943.
Óleo sobre tela, coleção particular.



Figura 3:
Frieda Hunziker
Jans em Roel, 1943.
Óleo sobre tela, coleção particular.



Figura 4:
Frieda Hunziker
Compositie, 1948.
Óleo sobre tela, coleção particular.



Figura 5:
Frieda Hunziker
Compositie schepen, 1947.
Óleo sobre tela, coleção particular.



Figura 6:
Frieda Hunziker,
Eiland, 1953.
Óleo sobre tela,
coleção particular.



Figura 7:
Frieda Hunziker,
Insetos, 1953.
Óleo sobre tela, Museu
de Arte Contemporânea
da Universidade de
São Paulo.



Figura 8:
Frieda Hunziker
Cacteeën I, 1952.
Óleo sobre tela, coleção particular.

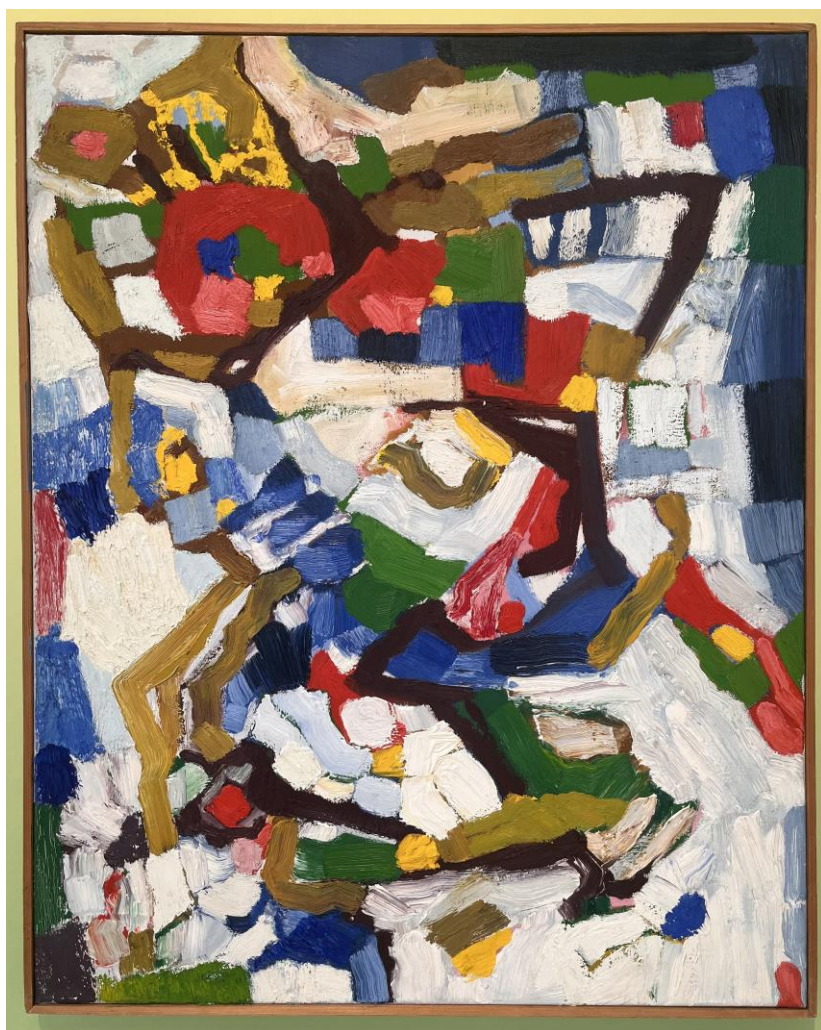


Figura 9:
Frieda Hunziker
Carnaval, 1958.
Óleo sobre tela, coleção particular.



Figura 10:
Frieda Hunziker,
Curaçao bij nacht,
1954.
Óleo sobre tela,
Stedelijk Museum
Amsterdam.



Figura 11:
Frieda Hunziker,
Curaçao bij nacht,
1954.
Óleo sobre tela,
Coleção particular.



Figura 12:
Frieda Hunziker, **Indigo Mood**, 1963.
Óleo sobre tela, Stedelijk Museum Schiedam



Figura 13:
Frieda Hunziker, **Nuit Mexicaine**, 1963.
Óleo sobre tela, coleção particular.



Figura 14:
Frieda Hunziker, **Landschap**, 1963.
Óleo sobre tela, Stedelijk Museum Schiedam.